

# Sexualidade e espiritualidade na literatura profética da Bíblia Hebraica

**Aletuza Gomes Leite**

Especialista em Teologia e Cultura. E-mail: aletuza@fbb.br

## Resumo

Nos textos proféticos do Antigo Testamento, a relação entre sexualidade e espiritualidade apresenta-se de modo complexo. Uma realidade onde corpo, desejo, inteligência, se entrelaçam em formas diversas de poder e se estabelecem através de relações entre o eros e o logos e entre o poético e o prosaico, onde o poético é o espaço de enlevo, romantismo, leveza, ritmo e dança e o prosaico é o espaço do visível, concreto, racional.

**Palavras-chave:** Sexualidade. Espiritualidade. Bíblia Hebraica. Antigo Testamento.

## *Sexuality and spirituality in the prophetic literature Hebrew Bible*

### *Abstract*

*In the prophetic texts of the Old Testament, the relationship between sexuality and spirituality comes in a complex way. A reality where body, desire, intelligence, they are interlaced in several forms of being able to and they settle down through relationships between the eros and the logos and between the poetic and the prosaic, where the poetic is the enchantment space, romanticism, lightness, rhythm and dance and the prosaic is the space of the visible, concrete, rational.*

**Keywords:** *Sexuality. Spirituality. Hebrew Bible. Old Testament.*

## INTRODUÇÃO

A sexualidade apresenta-se como elemento denso, amplo e complexo: profundo enigma para a experiência humana. Uma realidade tão fascinante e misteriosa quanto a que pensava Rudolf Otto (2007) para a experiência com o sagrado, uma ligação que talvez não seja de todo casual. Intuir desta maneira, no entanto, implica numa percepção da sexualidade para além da genitalidade e dos hormônios, onde ela apresenta-se como força motriz e geradora de vida em plurais direções; como força abrupta, elemento poderoso capaz de penetrar uma esfera de conjuntos de crenças, costumes, leis e tradições, esses elementos dos quais são traçados os perfis de um modo de vida em suas relações

entre desejo e poder. São faces da sexualidade os caminhos do desejo, expressões de corporeidade, energia de vida e potencialidades.

Estes elementos podem ser considerados em paralelo aos textos proféticos do Antigo Testamento e observados a partir do celeiro de imagens e linguagens de sexualidade que constituem os discursos ali presentes. A partir disso, podemos levantar a seguinte questão: “De que maneira estas linguagens e imagens denunciam o movimento da *Huah*<sup>1</sup> nestas comunidades enquanto exercício de sexualidade, na formação da vida e das relações de poder?” A questão e suas possíveis respostas talvez possam servir como mais um instrumental para uma análise teológica da sexualidade, em nossa época.

A experiência da sexualidade é mistério atraente e avassalador que se impõe na vivência humana. Ela é força que penetra plurais espaços do indivíduo e cultura e é também através destas relações diversas que encenamos a vida. A sexualidade nos permite o espaço do desejo, do prazer, do mistério, da graça, da sensualidade, do encanto, arrebatamento, enamoramento, gerando potencialidades e energia para vida. Sendo assim, o próprio exercício de se relacionar e falar de Deus implica na vivência de nossa sexualidade; considerando que Deus é também desejo e que a fé, que segundo Paul Tillich (apud CARVALHO, 2006) “[...] nos toca incondicionalmente [...]”, sempre pressupõe o Eros, o amor em desejo que nos impulsiona a Deus.

O texto bíblico do Antigo Testamento e especialmente a literatura profética, apresenta-se como celeiro de linguagens, imagens e experiências de sexualidade. Considerar estes elementos no texto nos permite analisar como o cotidiano israelita vivencia o exercício da sexualidade, como esta se relaciona com a espiritualidade e assim influencia crenças, costumes, lei e tradições na época. Além disso, é possível descortinar, no universo sagrado, a vivência da sexualidade procurando reler erotismo, sensualidade e corpo, para além da ambiência profana e a importância destes nas relações entre poder e prazer, na trama bíblica que abarca profetas, templo e palácio.

Muitas hermenêuticas bíblicas, no entanto, reforçam uma

[...] perspectiva de Deus impessoal, separada da humanidade e seus corpos, da natureza e seus corpos. Um Deus sem corpo e des-erotizado e, por isso mesmo, melhor e superior a outras divindades marcadas e misturadas a rituais de fertilidade e expressões eróticas. (PEREIRA, 2001, p. 7).

Possivelmente, isto seja decorrente de um logocentrismo ocidental e ainda mais da razão instrumental, ostentada na modernidade, que pretendia submeter o eros ao logos. Já percebe-se no

entanto, que esta razão não governa o mundo sozinha. Ao lado, ou até mesmo numa emergência pós-moderna de eros sobre logos, está a necessidade da paixão sincera pela vida, capaz de unir técnica e ética, revolução e ternura. “Ao lado dos projetos está o universo de desejo: impulso, amor pela verdade, esperança, expansão, movimento criador de novas possibilidades.” (MAÇANEIRO, 1997, p. 5)

Utilizam-se muitas vezes nos espaços religiosos desta hermenêutica para recusar ao erotismo, à sensualidade, ao prazer e ao gozo, seu lugar no espaço sacro. Nega-se assim o corpo, normatizando o erótico à imagem e semelhança da sociedade, ‘[...] expressa no racismo, no sexismo, na homofobia, misoginia, no classismo, na comercialização.’ (GEBARA, 2001, p. 13).

Um revisitar dos textos proféticos, observando nos discursos desses textos as diversas relações de poder contidas neles - já que nenhum discurso pode ser considerando neutro - pode servir com sua teologia de libertação e vida. Pode permitir que esta chegue até a vivência dos tempos atuais como mais um instrumental que analise, questione e confronte o lidar com a sexualidade e espiritualidade, bem como a relação destas no cotidiano.

Para tanto, é objetivo geral deste artigo analisar de que maneira as linguagens e imagens de sexualidade, presentes nos textos proféticos do Antigo Testamento, denunciam o movimento da *Huah*, nestas comunidades, enquanto exercício de sexualidade na formação da vida e das relações de poder, e como este diagnóstico pode servir como mais um instrumental para uma análise teológica da sexualidade, em nossa época.

## **ENTRE O EROS E O LOGOS**

O Eros, longe de exatidão, discurso, de doutrina, de entendimento, passeia antes pela expansão, desejo, êxtase, pelo fogo que inflama até a medula, pela graça, pelo mistério, pelo impulso ardente. É pluralidade e complexidade. Não se sujeita a um único modelo ou a uma única expressão. O erótico é memória e imaginação, lembrança e sonho, portanto, de certa forma irredutível ao discurso. É desejo manifesto que inquieta, anima e desconcerta. No corpo, o eros entrega e integra as forças e potencialidades do desejo e do prazer. O corpo é um ser em sua totalidade e em todas as suas expressões, e nele o Espírito faz morada, segundo nossa teologia cristã. O corpo, portanto é templo do

Espírito Santo, sendo assim, ele é sagrado. Templo do Espírito que gera desejo de vida, energia de vida, paixão e prazer incircunstancial pelo viver. Aqui é importante “[...] o desejo de aproximar o erotismo à beleza dos corpos, o desejo de lutar pela integridade de todos os corpos, de despertar de novo o cuidado e o carinho por todos os corpos.” (GEBARA, 2001, p. 11).

No exercício da sexualidade e espiritualidade, o eros se permite examinar com o serviço do logos, da compreensão. Na relação com a psique o eros amadurece para garantia de um papel inteligente e benéfico na vida das pessoas. Desejo, inteligência e prazer alcançam sua perfeição no encontro de um com o outro, nunca isoladamente. É importante ressaltar aqui que o exercício sexual da vivência erótica, não se permite cooptar pela razão, como pretendia a cultura ocidental, antes ele desastrava as pretensões absolutas da razão. Permite, no entanto, que o logos se apresente como evento pedagógico do ágape divino, na direção de humanizar e embelezar a vida, renovando a terra e suas estruturas, através da liberdade, justiça, misericórdia e graça. Este diálogo entre logos, eros e ágape é afirmação de que

[...] precisamos de algo forte, de uma paixão capaz de despertar em nós o amor e o cuidado por todos os seres, pela natureza, por nós mesmas/os. É como se o cansaço de ver tanta destruição nos amortizasse e impedisse de criar novas ações e novos significados para nossas vidas. Precisamos de novas paixões ou de reativar as velhas paixões esquecidas, paixões comuns e coletivas. Precisamos de algo forte capaz de acordar nossos corações de pedra para um lindo sonho coletivo. (GEBARA, 2001, p. 11).

Chegando, então, às comunidades proféticas no Antigo Testamento, podemos perceber o mover profético, a partir da perturbação da *Huah*, que tomando incondicional e incircunstancialmente os profetas, os faz alçar vôos para semear os sonhos de Javé, no chão do cotidiano. É neste espaço do suscitar do desejo, que se produzem as utopias – a espera da justiça e da redenção - levando ao compromisso político. E, nesta cavidade de necessidade humana, o ímpeto, o desejo, a força da precisão diante da não satisfação, é dor. E, aí circula a ação subversiva do Espírito, num intenso fogo e desejo, transitando do recinto do eros – desejo de expansão rumo ao infinito, transcendência e êxtase, ao logos divino que comunica o ágape de Javé.

A relação entre sexualidade e espiritualidade se faz evidente, de imediato, nas primeiras expressões proféticas. As comunidades dos profetas extáticos assumem o arrebatamento da *Huah* nas

denúncias das relações de morte, para fecundar vida através do exercício intenso do desejo, da dança e do êxtase (1Sm: 10.5,6,10,11).

Mas, também, o profetismo literário, não tão marcado pelo êxtase, é profundamente caracterizado pela animação da *Huah*, impulsionando o desejo que se manifesta para vivência concreta da Construção do projeto de Javé. Sexualidade aparece então como desejo incontrolável pela concretização dos sonhos e memórias de sociedades possíveis e impossíveis.

O profeta Isaias se compreende tomado pelo Espírito – a *Huah* de Javé - num sentimento de paixão pela vida que o faz instrumento da graça. (Is: 61). Para o profeta, a posição da *Huah* sobre si é desejo que se faz testemunhado no exercício de fazer acontecer a Palavra transformadora da história, esta palavra que é também testemunho de desejos divino. Novamente, a Palavra apaixonada é o exercício que subverte as condições e relações. A Palavra que restaura contritos; que liberta cativos; retira grades da prisão; consola os tristes; concede glória no lugar de cinzas; alegria no lugar de tristeza; cânticos aos angustiados. A *Huah* que envolve a Palavra também erotiza o profeta com o desejo ardente, inquietante e desconcertante. Desejo que é graça e é mistério gerador de capacidade para vivenciar e contagiar sua comunidade com a utopia do projeto de Javé.

Jeremias é o desejo sofredor. Seduzido por Deus, pela *Huah*, num intenso anseio de missão dirigida à criação de novas ações e significados para a vida, ele experimenta o “[...] fogo que inflama até a medula [...] [...] Não me lembrarei dele, não falarei mais no seu nome; mas isso foi no meu coração como fogo ardente, encerrado nos meus ossos; e estou fatigado de sofrer, e não posso mais. (JR. 20: 9). É atraído e sustentado pela experiência com o mistério, a qual segundo São Boaventura, (apud MAÇANEIRO, 1997, p. 16),

[...] ninguém conhece, senão quem a recebe; ninguém a recebe, senão aquele a quem o fogo do Espírito inflama até a medula. E se perguntares como acontece tudo isso, interroga antes a graça, não a doutrina; ao desejo, não ao entendimento; ao murmúrio da oração, não ao estudo da lição; ao esposo, não ao mestre; a Deus, não aos homens; à obscuridade, não a claridade; não à luz, mas ao fogo que inflama totalmente e transporta a Deus copiosas unções e ardentíssimos desejos.

A movimentação da *Huah* nas comunidades proféticas perpassa a potência da expansão erótica que permite ser examinada, cultivada e educada pelo logos. Esta trajetória deságua em proposta “[...] crítica, criativa e cuidante [...]”<sup>2</sup> para a vida, em forma de denúncia, esperança e energização da

comunidade israelita. Neste horizonte, o logocentrismo não é imperante nem expressão máxima do ágape; antes estes dialogam através da lógica do desejo de humanizar e embelezar a vida, renovando a terra e suas estruturas, através da liberdade, justiça, misericórdia e graça. É preciso deixar-se seduzir pelo sagrado, considerando que um projeto libertador precisa conhecer seus pontos erógenos.

Convivemos com cotidianos de desgastes, relações cansadas e cansativas, fantasias impronunciáveis, desejos adiados e a capacidade enorme de aceitação do marasmo erótico como se não soubéssemos que os mecanismos de dominação precisam de corpos eroticamente alienados para impor seu projeto. (PEREIRA, 2001, p. 9).

Esta relação entre logos e eros é passível de observação, no circuito de existência das comunidades proféticas do Antigo Testamento. Este texto pretende considerar tal análise do cotidiano do povo por meio das configurações de relações do templo, palácio e profetismo encaminhadas através de categorias, as quais serão chamadas aqui de espaço prosaico e espaço poético.

## **ENTRE O POÉTICO E O PROSAICO**

O espaço poético é de enlevo, romantismo, leveza, ritmo e dança. Falam de amores e desejos. O Poeta pensa por imagem na liberdade de ressignificar e ampliar os sentidos. Nesta cavidade, os montes podem ser proteção de Javé e as estrelas a luz que clareia os caminhos a nos guiar; Javé o esposo de Israel e Israel a amante pouco dedicada e infiel a seu amado. O recinto lírico promove o encontro com as sensações e a tentativa de expressar o indizível, o não compreendido. Há quem diga que o espaço poético não é o espaço do entendimento racional e sim da inteligência dos sentidos.

A prosa, o lugar das histórias, crônicas, temas mais desenvolvidos, escrita na língua referencial, em subserviência à gramática. Aqui, se pensa por ideias e não por imagens. Este é o espaço do visível, concreto, racional. A capacidade de mensurar, compreender e de explicar a vida e seus elementos tem seu lugar de significado aqui. E assim, o simbólico e a imagem intimidam-se diante do conceito. Possuindo a estrutura dos parágrafos, períodos e orações, é importante para a prosa a explicação e compreensão de elementos palpáveis, visíveis, históricos e a sensibilidade à inteligência das sensações torna-se descartável.

O poético, desta forma, será considerado como ambiente de apropriação da imaginação profética marginal sob ação de Javé. O espaço prosaico nos remeterá às relações instituídas pelo templo e palácio em Israel e ao mesmo tempo como o povo se movimenta neste recinto.

O templo e o palácio, no exercício de negação do projeto de Javé e afirmação da morte, subsidiados por uma teologia de segurança nacional, exercem seu poder construindo e/ou corroborando, a inércia, pseudo-segurança religiosa, a injustiça, a opressão em Israel. Já não há espaço para Utopia, sonho, para a graça, para o riso. Apenas uma vida pontuada pelos argumentos do templo e discursos do palácio.

Irrompe, aí, a comunidade profética, sacudida pela *Huah*. Oferece alternativa de sonho. Apropria-se da poesia como espaço para o brado do desejo em voz de Javé. E, faz acontecer a dança da poesia nas relações de vida. Movidas pelo desejo ardente, e paixão por Javé e pela vida, denuncia as estruturas de morte, apregoando esperança e possibilidades. Incendeia, contagia, energiza a comunidade israelita rumo à subversão. É o desejo ardente, avassalador, impactante, subversivo. É a comunidade alternativa na ação transgressora da *Huah* de Javé. O Espírito que tomando eroticamente o profeta faz dele instrumento para realização do desejo e prazer de Javé na sociedade, subvertendo os espaços prosaicos de morte em espaços poético de beleza e vida.

Neste árduo trabalho de tecer o universo teológico proposto por Javé, através das comunidades proféticas, o texto do Antigo Testamento caminha, utilizando-se constante e insistentemente de imagens e linguagens da sexualidade, como veículo de manifestação dos desejos de Javé, seus desabafos e desafetos. Jeremias (3:2), Naum (3:56), Ezequiel (23: 17-20), Oséias (2:7,10,11,14,15) são apenas vislumbres desse celeiro de imagens encontradas na literatura profética do Antigo Testamento. No entanto, num processo de estabelecimento de uma divindade única que governa a partir da Lei e da Palavra, a experiência da sexualidade vai sendo relegada ao humano, distanciada do sagrado e muitas vezes catalogada como sinônimo de pecado e idolatria.

O imaginário religioso compartilhado por diversos povos – e também por Israel – percebia a sexualidade como parte da ordem natural da vida, e como relação básica de geração, sustentação e re-criação do cosmos. A atração erótica é um movimento fundamental na dinâmica do cosmos, suas aproximações e distanciamentos, copulações e fertilidade. Deuses e deusas, homens e mulheres têm em comum a capacidade relacional, o desejo erótico e a dinâmica da fertilidade. (PEREIRA, 2001, p. 8).

Deuses e deusa – na literatura e nos achados arqueológicos – são representados e ritualizados na valorização de seus dotes sexuais e sua beleza erótica. A pesquisa aponta para um período de convivência de Javé com outras divindades e sua participação ativa nos cultos eróticos. Os cultos cananeus parecem ter sido eminentemente eróticos e orgiásticos, o que não deve ser confundido com culto de performance sexual. A visão de que os Israelitas se deixavam seduzir por estas expressões religiosas encobre a real participação e protagonismo de Javé e de Israelitas no imaginário religioso erótico. (PEREIRA, 2001, p. 7).

Porém, a consolidação do monoteísmo já vista em Israel vai estabelecendo uma divindade única, macho, patriarca, senhor, guerreiro, rei, pai. É possível que Antigos textos e tradições que articulavam Javé erotizado e como possível parceiro sexual, adentrem um processo de revisão e até mesmo supressão, utilizando-se de mecanismos literários e metafóricos que desfigurariam estas tradições. Sob este olhar “[...] a consolidação do monoteísmo representa também dessacralização da sexualidade e do erotismo.” (PEREIRA, 2001, p. 8). Reduzida a fenômeno estritamente humano, sexualidade não mais se apresenta como alternativa religiosa. As experiências religiosas ligadas ao campo simbólico da fertilidade, por exemplo, ou as trocas eróticas com divindades personificadas na natureza vão sendo demonizadas e combatidas, sem possibilidade de convivência.

## **PARA CONTINUAR REFLETINDO**

A partir destas primeiras impressões desenhadas neste texto, podemos antever claramente um fecundo entrelaçamento entre espiritualidade e sexualidade e como estes dois elementos, em diálogo, vão servindo como instrumentos de poder, tanto para o palácio e templo, quanto para os profetas.

Nos textos proféticos, os discursos e as imagens sobre sexualidade nos convidam a uma discussão sobre o simbólico, onde, tanto a violência simbólica, como propõe Bordieu, quanto a relação entre Literatura e Teologia, levantada por Antônio Magalhães [entre outros] podem nos guiar por surpreendentes caminhos. Caminhos que propõem percepções sobre o cotidiano destas comunidades de profetas, bem como para todo o povo israelita, em suas crenças, costumes, valores, leis e tradições, que talvez nos levem a uma releitura da espiritualidade e sexualidade no dia-a-dia do povo em geral. Caminhos tornados possíveis pela movimentação da *Huah* de Javé, enquanto sopro profético.



Essa releitura passa pela análise das relações de poder, que permeiam a utilização das linguagens e imagens de sexualidade no texto; tanto por parte do palácio e do templo, como por parte das comunidades proféticas. Passa, igualmente, pela análise de como poder e prazer se relacionam nestes espaços, subsidiados por um discurso teológico. Tal análise nos remete a Michael Foucault, especialmente em seu trabalho “História da Sexualidade”.

As complexas relações estabelecidas pela atuação do templo, palácio e profetas, no cenário da época, podem ser estabelecidas como relações entre o prosaico e o poético. Podemos, inclusive, chamar de espaço prosaico, a movimentação do templo e do palácio; e de espaço poético o que assinala a circulação das comunidades proféticas. Na lógica específica de cada espaço, os instrumentos de poder e suas relações com o prazer vão regendo e controlando indivíduos bem como normatizando a vida desta sociedade, subsidiados por um discurso teológico.

Este discurso traz implicações tanto para os espaços onde circularam originalmente como para os espaços atuais. Os textos são fundantes, produtores de realidades que se tornam história e se concretizam em projetos históricos concretos. A análise sobre sexualidade e espiritualidade, nas comunidades proféticas do Antigo Testamento, deve ser posta em diálogo com nossas questões e deve servir como mais um instrumento que analise, questione e confronte as vivências de sexualidade e espiritualidade nos tempos atuais, e ainda a relação destas no cotidiano.

## NOTAS

<sup>1</sup> O uso desta terminologia em hebraico – substantivo feminino, se justifica através da ausência de uma tradução feminina na nossa língua. A nossa tradução “Espírito” vem do latim.

<sup>2</sup> Expressão utilizada pelo teólogo Leonardo Boff, no seu texto: “Educação para um outro mundo possível: críticos, criativos, cuidantes” encontrado no link [http://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&q=Leonardo+Boff+-+cr%C3%ADticos+Criativos+e+cuidantes&meta=lr%3Dlang\\_pt](http://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&q=Leonardo+Boff+-+cr%C3%ADticos+Criativos+e+cuidantes&meta=lr%3Dlang_pt)

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: nova versão internacional. São Paulo: Vida, 2001.

CARVALHO, Guilherme V. R. de. Sobre a fé em Paul Tillich. **Revista Correlatio**, São Paulo, Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. 14. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade II**: o uso dos prazeres. 9. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade III**: o cuidado de si. 7. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

GEBARA, Ivone. Apresentação: a dança de Eros ou o desejo do É... **Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana/Ribla**, Petrópolis, n. 38, p.11-13, 2001.

MAÇANEIRO, Marcial. **Eros e espiritualidade**: desejo e mistério no cotidiano da fé. São Paulo: Paulus, 1997.

\_\_\_\_\_. **Mística e erótica**: um ensaio sobre Deus, eros e beleza. Petrópolis: Vozes, 1995.

OTTO, Rudolf. **O sagrado**. São Leopoldo/Petrópolis: Sinodal/Vozes, 2007.

PEREIRA, Nancy Cardoso. Sagrados corpos. **Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana**, São Leopoldo, n. 38, p. 6-9, 2001.

Artigo recebido em dezembro de 2008 e aceito para publicação em março de 2009.